



O setor tem futuro?

Panorama Setorial promovido durante ABTCP 2011 traça os melhores caminhos ao setor diante das tendências apresentadas pelo mercado para a indústria de celulose e papel

Por Caroline Martin
Especial para *O Papel*

O atual cenário econômico mundial tem causado temor entre os mais diversos segmentos industriais, remetendo seus representantes aos fatos que marcaram o ano de 2008. O receio de reviver o período da crise financeira que abalou todo o mundo se baseia no lento ritmo de recuperação da economia americana, nos riscos de calote que rondam o País e, ainda, na propagação da crise europeia, que ameaça contagiar Itália e Espanha.

Embora o contexto não seja animador, Mailson da Nóbrega, ex-ministro da Fazenda e sócio da Tendências Consultoria Integrada, acredita que a recente crise denota uma situação bem diferente daquela vista anos atrás. "Não creio que evolua a um nível de extrema gravidade", tranquilizou a plateia formada por executivos do setor de celulose e papel em sua palestra realizada durante o ABTCP 2011.

Participante do tradicional Panorama Setorial do Congresso Anual Internacional da ABTCP, Nóbrega, em sua apresentação inédita no painel, abriu os debates com uma análise detalhada sobre a economia mundial e os reflexos à economia brasileira. Para ele, o Brasil soma inúmeros fatores positivos para driblar eventuais consequências da recessão mundial. A estabilidade macroeconômica do País foi citada como argumento. "Temos um sistema financeiro sólido e sofisticado, o câmbio flutuante nos ajuda, assim como a autonomia do Banco Central. Além disso, apresentamos um baixo risco de volta à inflação do passado e uma distância do populismo latino-americano", listou.

Já sobre o posicionamento brasileiro diante da situação externa, o ex-ministro comentou: "Pela primeira

PROJEÇÕES 2011 – 2012

Indicador	2011	2012
PIB (%)	3,5	3,7
Inflação (IPCA) (%)	6,6	6,0
Taxa de desemprego (%)	6,4	6,2
Massa salarial real (%)	5,0	5,2
Juros (Selic) (%)	10,5	10,5
Taxa de câmbio (R\$/US\$)	1,75	1,65
Balança comercial (US\$ bi)	28,0	28,0

* Fonte: Tendências Consultoria Integrada

vez, somos credores externos. As reservas internacionais são superiores à dívida externa". Ainda assim, apesar da conjuntura favorável, o Brasil não está livre de todas as ameaças. A recessão ou o baixo crescimento dos países desenvolvidos pode representar um risco, assim como a quebra de um grande banco europeu e a desaceleração da economia chinesa.

Considerando todo esse contexto, Nóbrega vislumbrou um crescimento mais tímido da economia brasileira, com PIB de 3,5% em 2011 e 3,7% em 2012. Ainda entre as tendências para o final deste ano e o próximo, o sócio da Tendências Consultoria Integrada prospectou redução da taxa de desemprego, forte superávit na balança comercial e taxa de câmbio em alta, conforme a tabela ao lado.

Carlos Farinha e Silva, vice-presidente da Pöyry Tecnologia, também analisou o cenário atual durante o Panorama – O Futuro do Setor, dando enfoque às questões que afetam a indústria de celulose e papel. Ao abrir sua palestra, levantou as principais dúvidas que pairam sobre o setor atualmente: "Corremos o risco de desindustrializar nosso parque de produção de papel? Nossa indústria de celulose de mercado está isenta de qualquer risco?"

A primeira dúvida decorre do acirramento da competição entre os produtos nacionais e importados, que vêm levando vantagem e ganhando cada vez mais espaço no mercado brasileiro. A atual taxa de câmbio foi apontada por Farinha como um fator agravante pelos representantes brasileiros. A ineficiência da infraestrutura brasileira também recebeu sua parcela de responsabilidade na baixa competitividade apresentada pelos papéis brasileiros, assim como os entraves acarretados pela excessiva carga tributária.

Mailson da Nóbrega durante palestra: Brasil soma inúmeros fatores positivos contra eventuais consequências da recessão mundial



SERGIO SANTORIO

Na avaliação do vice-presidente da Pöyry Tecnologia, o parque industrial papelero do País conta com algumas unidades em patamar bastante competitivo, de razoável economia de escala, mas a maioria das fábricas de papel é de pequeno e médio portes, com atuação em mercados locais. "Atualmente, boa parte do setor encontra-se em posição defensiva, sofrendo com importações vindas, por exemplo, da Ásia, onde se desenvolveu uma sobrecapacidade de produção", descreveu Farinha.

Tal sobrecapacidade de produção é notada especialmente em segmentos como o de imprimir e escrever, bem como o de embalagens. A explicação, segundo Farinha, também está no fato de regiões desenvolvidas, como a América do Norte e a Europa Ocidental, redirecionarem seus esforços de crescimento, migrando da produção de celulose para a exportação de produtos de maior valor agregado.

Além dessa mudança de conduta dos *players* internacionais, o executivo visualiza outra nítida tendência: os grupos nacionais estão tirando sua atenção da área de papel e focando-a na expansão da área de celulose. "É uma tendência bastante clara, que existe não só no segmento de imprimir e escrever, mas também na área de tissue", afirmou.

Ainda de acordo com o vice-presidente da Pöyry Tecnologia, a concorrência internacional precisa ser enfrentada de imediato, para que o parque industrial brasileiro não fique ameaçado. "Não se trata apenas de eventual conquista de mercados no exterior, mas de posicionamento diante dos produtos importados, que apresentam um apelo maior ao consumidor, sem similares no mercado local", enfatizou.

Para Lairton Leonardi, presidente da ABTCP e moderador dos debates ocorridos no Panorama Setorial, as análises do cenário econômico e do posicionamento da indústria brasileira de celulose e papel deixam evidente a necessidade de emplacar a inovação na cadeia produtiva de celulose/papel e na geração de produtos de maior valor agregado.

Leonardi ressaltou a atual diferença entre a estrutura da indústria de celulose e a de papel. "Enquanto no segmento de celulose temos grandes produtores, no de papel ocorre exatamente o contrário: diversas máquinas de pequeno porte. Será, então, que, para preservarmos o papel nacional, não deveríamos pensar num modelo de produção novo, com parques de maior capacidade? Talvez seja o momento de termos máquinas maiores,

mais eficazes", colocou a reflexão em pauta.

Como contraponto, Sérgio Amoroso, presidente do Grupo Orsa, disse acreditar que o Brasil ainda não atingiu um nível de consumo suficiente para suportar a produção de uma grande máquina. "Quem sabe se reunir pequenos produtores e transformá-los em um só *player* não seja uma boa estratégia?", sugeriu.

Num clima de *brainstorm*, uma certeza citada por Amoroso se destacou ao longo do debate: "Comparando a atual capacidade instalada da China com a capacidade brasileira, fica nítido que corremos um grande risco de ver várias fábricas nacionais sendo fechadas nos próximos anos. Com máquinas pequenas e alto custo de produção, tais plantas não têm como ser competitivas".

De acordo com Nestor de Castro Neto, presidente da Voith Paper, o tamanho de máquinas de papel vem aumentando dentro das perspectivas de mercado. "Recentemente foi instalada uma máquina de tissue de dupla largura, que despontou como novidade no Brasil", fez a ressalva.

Além do exemplo, Castro Neto lembrou que máquinas menores também podem ser competitivas. "Há *players* que, mesmo com equipamentos de pequeno porte, investem em tecnologia e conseguem aumentar a produção em uma escala média de 15% ou ainda direcionam os investimentos na melhoria de qualidade de seus produtos. Ambas são formas eficazes de aprimorar a competitividade do segmento", incentivou, apontando alternativas.

Ampliar o entendimento sobre o termo *inovação* foi mais uma necessidade evidenciada por Antonio Maciel Neto, presidente da Suzano. "Quando falamos em inovação no produto final, muita gente remete a invenções, mas vale lembrar que não precisa ser algo inteiramente inédito no mercado. Grande parte do que é considerado inovador no setor está relacionada a novas aplicações de produtos já existentes", ponderou.



SÉRGIO SANTORIO

Nestor de Castro Neto lembrou que máquinas de pequeno porte também podem ser competitivas. "Investimentos em tecnologia aumentam a produção em uma escala média de 15%"



SERGIO SANTORO

“Além da geração de energia, a customização do eucalipto é uma tendência que gera possibilidades enormes de aplicações”, apontou Antonio Maciel Neto

A fim de exemplificar sua opinião, Maciel citou os inúmeros *upgrades* de aplicação nos segmentos de embalagem e de papéis revestidos vistos atualmente. A área de celulose, frisou o presidente da Suzano, não fica de fora. “As pesquisas referentes ao uso da matéria-prima em outras aplicações também têm avançado bastante. Acredito até que, na área de celulose, temos mais espaço do que na de papel.”

Biotechnology: o tema da nova década

Maciel fez questão de frisar que, em tempos de ênfase e valorização dos recursos naturais, muitas oportunidades já despontam para a indústria de celulose e papel e tendem a se fortalecer. “As florestas plantadas abrem caminhos para uma série de outros negócios. Além da geração de energia, a customização do eucalipto é uma tendência que gera possibilidades enormes de aplicações”.

Ali Harlin, executivo da VTT Technical Research Centre of Finland, apresentou algumas dessas possibilidades em sua palestra, reforçando o potencial do setor na geração de subprodutos oriundos da celulose e demais componentes da madeira. “Há um enorme mercado de bioplásticos e biocompósitos a ser explorado”, constatou.

Entre os exemplos de aplicação prática, Harlin destacou as vantajosas propriedades da celulose e da lignina. “Como matéria-prima, a celulose realmente apresenta inúmeras variações. Tanto as propriedades físicas quanto químicas e enzimáticas podem ser modificadas”, informou. Já a lignina, segundo o executivo, vai além do

processo de gaseificação ou pirólise: pode ser usada na geração de dispersantes, emulsificantes e aglutinantes, úteis em processos químicos.

Ainda listando os benefícios oferecidos pelos biomateriais, Harlin os classificou como matérias-primas de alta performance. “Apresentam baixo custo de produção e processamento, além de causar baixos impactos ambientais, características tão desejadas hoje em dia.”

A caminho da inovação

A trilha para chegar à implantação prática de conceitos inovadores deve partir do início da cadeia produtiva, levando em conta que a indústria brasileira tem como carro-chefe a produção e a exportação de celulose. Farinha ressaltou que o negócio de celulose de fibra curta para mercado movimenta hoje cerca de 22,5 bilhões de euros. Em 2020, deverá aumentar para 31 bilhões de euros – projeção que favorece a indústria nacional.

O grande volume de consumo de celulose de mercado ainda é voltado aos países desenvolvidos. O cenário, no entanto, já começou a mudar, segundo Farinha. Até 2020, o aumento desse consumo será visto especialmente nos países asiáticos. “China e demais países asiáticos crescerão a uma taxa média ponderada de 3,5% ao ano, ao passo que nos países desenvolvidos veremos, inclusive, uma taxa de retração de crescimento.”

Entre os principais fornecedores de celulose de mercado, a América Latina continuará despontando como líder. Os 13 milhões de toneladas produzidos em 2008 deverão atingir 21,2 milhões no ano de 2020. Os valores superarão a produção da América do Norte, que, em 2008, somou 15,8 milhões de toneladas e não deve passar dos 18 milhões de toneladas em 2020.

“O parque exportador de celulose de mercado conta com unidades de topo de linha, modernas e competitivas em nível mundial”, avaliou Farinha. Segundo ele, porém, a situação atual não deve servir de pretexto para acomodações. “É preciso assegurar a manutenção da competitividade da base florestal, isto é, assegurar que a madeira seja colocada na porta da fábrica a custos competitivos”, ponderou.

Ainda pensando na competitividade em longo prazo, o vice-presidente da Pöyry Tecnologia frisou ser fundamental ter disciplina ao investir em novos parques fabris, a fim de minimizar o impacto da entrada simultânea de grandes quantidades do produto no mercado.

O presidente da Voith Paper, da mesma opinião, ainda citou os fatores que exigem atenção: "Não podemos ficar parados enquanto a competitividade corre; temos de agregar valor a essa indústria em diferentes âmbitos. A produtividade deve subir, no mesmo tempo em que precisamos reduzir os custos de produção e melhorar o uso de energia, sem esquecer, é claro, de investir em subprodutos. Esse conjunto todo é a tal da inovação", definiu.

Castro Neto revelou que há um projeto de redução de energia na produção de celulose em andamento no Brasil. O novo processo se dá por uma forma de desaguamento mais eficiente, que resulta em uma redução de 25% no consumo de energia. "Essa redução também permitirá que a lignina seja aproveitada para outros fins, abrindo caminhos para o uso em subprodutos", adiantou ele sobre o projeto que já tem planta piloto e testa, atualmente, uma nova sistemática de secagem para comprovar em ambiente industrial o que já foi comprovado em laboratório.

"Temos de dedicar esforços aos custos operacionais, otimizando o processo produtivo", concordou Francisco Valério, diretor industrial da

Fibra. "Além disso, já não basta buscarmos reduções na faixa de 2% a 3%; precisamos encontrar meios para atingir patamares de 10% a 15%, pelo menos", ressaltou ele sobre o desafio.

Valério, fechando o debate sobre o futuro do setor, salientou que a evolução em Pesquisa & Desenvolvimento é fundamental, tanto na área florestal como na industrial. Segundo ele, essa é a chave para chegar à almejada inovação nos produtos finais. "Não podemos perder o foco em nenhuma das pontas da cadeia; temos de otimizar ao máximo a eficiência operacional dos ativos instalados para que a inovação venha na sequência." Diante de tudo o que foi apresentado durante o painel, o futuro do setor estará garantido se a busca pela inovação persistir, com foco na competitividade industrial, muito além da simples redução de custos pelo corte de despesas. ■

Nota: Leia no site www.revistaopapel.org.br entrevista exclusiva com o ex-ministro da Fazenda e sócio da Tendências Consultoria, Mailson da Nóbrega

TMP 20 ANOS

MÁQUINAS E SISTEMAS



FILTRO LAVADOR DE CELULOSE



SISTEMA DE RETENÇÃO DE FIBRA (EFLUENTES)



PREPARAÇÃO DE CAVACO



EVAPORAÇÃO FALLING FILM



EQUIPAMENTOS PARA CAUSTIFICAÇÃO



Preparação de Chips | Linha de Fibra
Branqueamento | Recuperação de Químicos

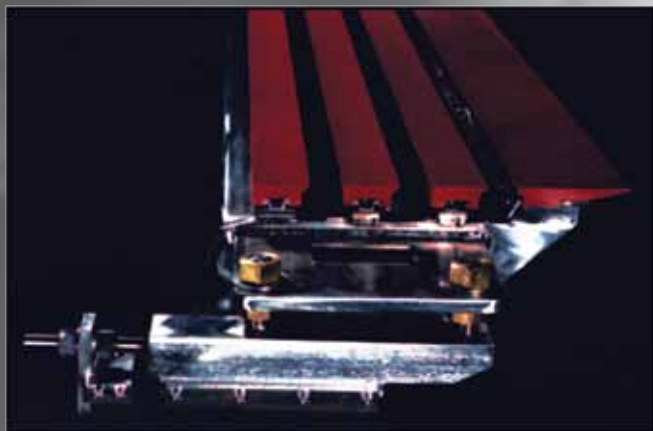
Visite nosso site e conheça nossa linha completa de produtos e serviços
www.tmpms.com.br

RÉGUA E TAMPAS DE POLIETILENO

As tradicionais régua e tampas de UHMW CBTI, que são referência no mercado, passam a receber como componentes, aditivos lubrificantes e maior de carga de micro esferas de cerâmicas, potencializando ainda mais os resultados e benefícios de aplicação.

Essa é mais uma das novidades tecnológicas que a CBTI trará para o mercado, sempre visando, soluções que propiciem aos clientes a oportunidade no aumento de eficiência e produtividade em seus processos, a custos competitivos.

Tudo isso com tecnologia Kadant Inc.



CBTI
Soluções com Tecnologia

Via Anhanguera, km 83,5
13278-530 - CP 353/351 - Valinhos - SP - Brasil
Fone 55 (19) 3849.8700 Fax 55 (19) 3871.0093
www.cbti.com.br cbti@cbti.com.br



@cbti_solutions